

As terras que hoje abrigam a sede da fazenda das Três Barras, no município fluminense de Três Rios, foram, no início do século XIX, marcadas por grandes disputas entre posseiros e sesmeiros. O então conselheiro José Ildefonso de Sousa Ramos declarou no registro paroquial, em seu nome e nos de dona Henriqueta Amália Barbosa dos Santos e doutor José Joaquim Monteiro dos Santos, que a propriedade pertencera a seu finado sogro, o tenente coronel José Joaquim dos Santos, por mais de vinte anos – “terras litigiosamente havidas por sesmarias por seus antepassados, medidas e demarcadas”. Conclui-se, assim, que a fazenda foi estabelecida por volta de 1837 pela família Santos. E tudo indica que o conselheiro José Ildefonso de Sousa Ramos, genro do casal, tenha passado a administrar a fazenda.

José Ildefonso parece ter sido uma pessoa que sempre se dedicou à política. Nascido em 1812, na cidade de Baependi, Minas Gerais, formou-se em direito pela faculdade de São Paulo, foi presidente das províncias do Piauí, Pernambuco e Minas Gerais, e senador e ministro de diferentes pastas no Império. Obteve o título de barão das Três Barras e mais tarde o de segundo visconde de Jaguary, além de ter sido provedor da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. Em sua biografia, diz-se apenas que morreu em 23 de julho de 1883, na fazenda das Três Barras, chegando alguns historiadores a afirmar que ele pouco se importava com sua propriedade, que teria permanecido entregue ao capim por muitos anos, até sua morte.

Seria possível um fazendeiro não dar importância a sua fazenda? Vasculhando as páginas do livro Segunda Exposição de Café – Brasil, de 1883, editado pelo Centro da Lavoura e do Comércio, podemos nos surpreender com alguns relatos.

Durante a Exposição Nacional realizada em 1875, uma variedade de café trazida pelo senhor Chrisogono José Fernandes e descoberta em sua fazenda “em arbustos inteiramente silvestres, nas matas virgens de Maragogipe, província da Bahia”, chamou a atenção do visconde de Jaguary, que solicitou que lhe fossem doadas sementes, assim como para o Imperial Instituto



## O café Maragogipe fazenda das

Fluminense de Agricultura (hoje Jardim Botânico do Rio de Janeiro), do qual era presidente.

É certo que o visconde de Jaguary, tão logo tenha recebido estas sementes, as fez germinar em sua fazenda, uma vez que nas exposições internacionais de 1882 e 1883, expôs em vários países da Europa e nos Estados Unidos seu café maragogipe. Em sua apreciação, os conhecedores do bom café assim o descreveram em



Leila Alegrio

# pe na história da Três Barras

Londres: “O café maragogipe, do visconde de Jaguary, causou impressão em Micing Lane e todos concordam em que ainda se não viu café algum com grão de igual tamanho”. E ainda: “Causou-nos muito prazer ver a amostra do café despulpado fino, derivado da fazenda do visconde de Jaguary, de semente maragogipe”. Na Dinamarca: “As amostras foram examinadas com o maior interesse, principalmente pelos conhecedores de café, que muito empenharam-se em obter pequenas quantidades de certas amostras, que despertaram

especial atenção, entre as quais o sr. Heyman menciona os nºs 22, 23, 27, 41 e 42 (dos srs. visconde de Arcozello, Luiz P. de Faria, dr. A. Lazzarini e visconde de Jaguary)”. O café também teve boa apreciação em Hamburgo, Nova York e Nova Orleans, e recebeu medalha de ouro na Exposição Internacional em Amsterdam.

O volume Segunda Exposição de Café – Brasil menciona ainda que o visconde possuía em sua fazenda seis mil cafeeiros frutificando e mais 120 mil mudas, e que tinha distribuído muitas outras.

Não se pode negar que o visconde de Jaguary, embora tenha sido um importante político, também voltava seu olhar para possíveis variedades ou espécies de café que surgiam, isto como se vê as vésperas de seu falecimento. Nenhuma honraria ou título deve apagar a história da introdução do café maragogipe no Rio de Janeiro pelas mãos do fazendeiro e político José Ildefonso de Sousa Ramos, segundo visconde de Jaguary.

No mesmo ano da morte de José Ildefonso, 1883, a fazenda foi vendida para o barão de Guaraciaba, que ficou pouco tempo com o imóvel, pois, em 1889, ali morreu sua esposa. Analisando o inventário post mortem da sra. baronesa de Guaraciaba, relativo à plantação de café, vemos que a fazenda possuía ao todo 220 mil pés do grão, avaliados em 23.552 contos de réis.

É interessante ainda que na avaliação desses cafezais pode-se observar a grande valorização do maragogipe (44 mil pés), cotado em 9.200 contos de réis, se comparado ao bourbon (156.200 pés), 14.352 contos de réis.

No início do século XX, a fazenda das Três Barras pertenceu ao dr. José Cardoso Moura Brazil, quando já tinha terminado a fase áurea do café no Rio de Janeiro. €